

★ A TRADUÇÃO NO TEATRO

Barbara Heliadora

Bárbara Heliadora é professora emérita da UNIRIO. Traduziu diversos dramaturgos com ênfase para o teatro de língua inglesa, com destaque para a dramaturgia de Shakespeare, que traduziu integralmente, bem como verteu para o português importante bibliografia sobre os estudos teatrais. Atualmente, exerce a crítica teatral no jornal *O Globo*, e colabora com diversas revistas especializadas. Destacam-se da sua produção bibliográfica os seguintes títulos: *A expressão dramática do homem político em Shakespeare*, Editora Paz e Terra, 1978 e *Falando de Shakespeare*, Editora Perspectiva, 1997 e *Reflexões shakespearianas*, Lacerda Editores, 2004.

Todos conhecem as muitas dificuldades que um tradutor tem de enfrentar: domínio da língua original e da língua alvo é o mais básico deles todos, mas a isso são agregados outros obstáculos segundo a natureza da tradução, seja ela didática, científica, publicitária, ou o que seja, mas principalmente quando ela envereda pelo campo das artes. Tomemos um romance: não basta uma tradução meramente literal; é necessário levar em conta não só o estilo do original do autor, como também a época, pensar nos limites para o uso da linguagem comum, informal, evitar o tópico que pode torná-la ultrapassada em pouco tempo.

É claro que o dito acima é parte mínima do que pode ser levantado como dificuldade para a tradução; porém, quando chegamos ao teatro, tudo isso é acrescido de uma nova e imensa dificuldade, que é a de se traduzir, a partir de um texto impresso, o que foi criado para ser dito, para a língua alvo falada. Podemos sugerir algo da dimensão desse obstáculo lembrando os problemas que a dramaturgia brasileira enfrentou até data razoavelmente recente, quando éramos informados que podíamos falar “errado”, ou seja, como se fala no Brasil, mas escrever sempre “certo”, ou seja, como se fala em Portugal. O resultado dessa regra é o número

de peças brasileiras que fracassaram no palco por soarem falsas quando o “certo” tinha de ser dito em voz alta para um público que falava “errado”, o que levanta o problema da definição de um vocabulário e uma gramática que consigam respeitar o fato de uma tradução de uma peça não permitir que o tradutor se esqueça de que está lidando com uma obra de arte, por um lado, mas que é preciso estabelecer a comunicação adequada com o público, por outro.

Não conheço nenhum instrumento que possa auxiliar o tradutor para o teatro em seu trabalho que não seja o ouvido; quando traduzo uma peça contemporânea, de diálogo informal, me pego falando alto muitas vezes, para tentar encontrar a melhor maneira para expressar a forma e o conteúdo do original para o ouvido do espectador brasileiro. E que ninguém julgue que esse tipo de problema não ocorreu na minha hercúlea tarefa de traduzir a obra dramática completa de William Shakespeare: a variedade de ambientes, níveis sociais e culturais, que o poeta abrange levanta questões assustadoras, quando se tem o sonho de servir o melhor possível tanto o autor quanto seu público de outra língua, que vive alguns séculos depois dele.

Realmente, a tradução para o teatro talvez esteja entre as mais difíceis de se enfrentar. ★